

O CONCEITO DE ESTILO: ABORDAGENS

META

Apresentar os elementos que constituem o estilo como fenômeno lingüístico individual de dado autor.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

caracterizar, a partir de textos indicados, traços lingüísticos possíveis que definem o estilo de dado autor.

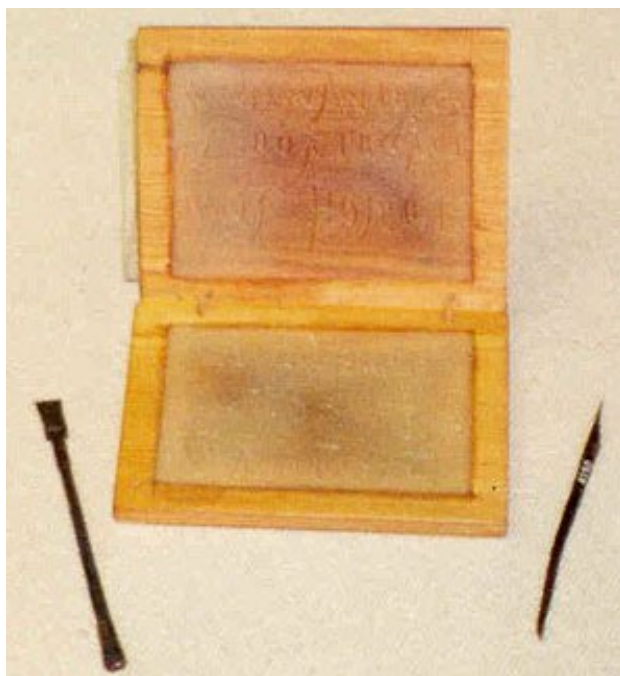


O linguista francês, Geoges Mounin, reuni as definições de estilo em três grupos, já que vários lingüistas também têm procurado classificá-las de acordo com os critérios que elas se fundamentam. São elas: as que consideram estilo como ‘desvio da norma’; as que o julgam como ‘elaboração’; e as que o entendem como ‘conotação’.

(Fontes: <http://translatoruy.files.wordpress.com>)

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa tem uma expressão própria, resultante das combinações fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas utilizadas pelos sujeitos falantes. A Estilística da língua portuguesa tem por função inventariar e estudar os efeitos de estilo produzidos em cada tipo de combinação. Esse estudo será objetivado no sentido de demarcar os desvios existentes em determinados empregos de categorias ou classes gramaticais (artigo, pronomes, verbos, advérbios e outras), de verificar as relações entre os constituintes da frase (concordância, estrutura frástica), de avaliar as potencialidades lexicais da língua (vocabulários especiais, formação de palavras, neologismos, arcaísmos, polissemias e outras).



A palavra “estilo” se referia a um objeto pontiagudo utilizado pelos antigos gregos e romanos para escrever em tabuinhas enceradas. Por um processo semântico muito comum, o nome que antigamente designava o instrumento com que se escrevia passou a designar a própria escrita e modo de escrever. (Fontes: <http://romanhistoricalbooksandmore.freeservers.com>)

O CONCEITO DE ESTILO

Em outras disciplinas de nosso Curso de Letras, tivemos a oportunidade de demonstrar que a língua é um sistema organizado de signos lingüísticos, impondo um léxico e determinadas normas gramaticais. No entanto, o indivíduo que a utiliza seleciona os signos (palavras) dentro das séries paradigmáticas e combina-os livremente no eixo sintagmático. É nessa liberdade de recriar a linguagem que se situa o estilo.

O Estilo é, assim, em princípio, individual e decorre da subjetividade conferida ao discurso no intuito de o desviar do grau zero, isto é, do uso regular, normal, da linguagem. “Definido como desvio, o estilo não é uma categoria que possa ser regida pela lei do tudo ou nada. Linguagem natural e linguagem de arte são dois pólos entre os quais se estabelecem a distância variável de um ou de outro, as produções escritas de caráter afetivo” (Jean Cohen). Por esta razão, a retórica clássica distinguia três estilos elementares: o simples, o moderado e o sublime. Embora sem grande pertinência atualmente, esta distinção evidencia a variedade dos desvios e conseqüentemente a natureza do estilo, como expressão marcada em menor ou maior grau relativamente a um discurso neutro.

Por outro lado, o emprego do termo estilo, demasiado rico e demasiado complexo, torna-se tão ambíguo que algumas pessoas recusam a palavra e chegam a negar a existência da noção, como muito bem observou o estudioso francês Pierre Guiraud. No entanto, vamos apresentar uma definição geral e tentaremos, ao longo desta aula, distinguir algumas concepções que marcaram época ou uma viragem da sua história. De modo amplo, o estilo denota uma propriedade comum a todos os enunciados quaisquer que sejam, embora se capte de forma particular em cada um. Designa-se por estilo os traços que conferem um caráter distintivo a um conjunto de frases pronunciadas ou escritas. A noção de estilo assemelha-se, por isso, à de individualidade.

Assim sendo, temos o estilo como escolha: escolha feita pelos falantes em todos os comportamentos de uso da língua, isto é, como idioleto concebido como o sistema de expressão de um indivíduo isolado. O estilo como desvio que implica uma relação com um modelo, com um padrão, com uma norma. O estilo como elaboração, com uma técnica, que resulta na função poética tal como apresentada por Roman Jakobson.

Para um maior aprofundamento dessas questões, vamos postar um texto elaborado pela professora Nilce Sant’Anna, sobre a variedade do conceito de estilo:

“A palavra ‘estilo’, que hoje se aplica a tudo que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas às mais altas criações artísticas, tem uma origem modesta. Designava em latim – ‘stilus’ – um instrumento pontiagudo usado pelos antigos

para escrever sobre tabuinhas enceradas e daí passou a designar a própria escrita e o modo de escrever.

No domínio da linguagem têm sido tão numerosas as definições de estilo que vários lingüistas têm procurado classificá-las de acordo com os critérios em que elas se fundamentam. Assim, Georges Mounin (Introdução à Lingüística) reúne as definições de estilo em três grupos: 1) as que consideram estilo como ‘desvio da norma’; 2) as que o julgam como ‘elaboração’; 3) as que o entendem como ‘conotação’. Nils Erik Enkvist (Lingüística e estilo) as distribui em seis grupos: 1) estilo como ‘adição’, envoltório do pensamento; 2) estilo como ‘escolha’ entre alternativas de expressão; 3) estilo como conjunto de ‘características individuais’; 4) estilo como ‘desvio da norma’; 5) estilo como conjunto de ‘características coletivas’ (estilos de época); 6) estilo como ‘resultado de relações entre entidades lingüísticas’ formuláveis em termos de textos mais extensos que o período.

Pode-se observar que os critérios dos diversos grupos não são excludentes. Assim, por exemplo, as características individuais podem incluir escolha, desvio da norma, elaboração, conotação, o que mostra a dificuldade de tais classificações.

Acrescente-se que, dos teóricos da Estilística, alguns só consideram o estilo na língua literária, outros o consideram nos diversos usos da língua; alguns relacionam o estilo ao autor, outros à obra, outros ainda ao leitor, que reage ao texto literário; alguns se concentram na forma da obra ou do enunciado, outros na totalidade forma-pensamento. Dentre as inúmeras definições e explicações do fenômeno estilo, arrolamos algumas que se encontram na bibliografia indicada no final do capítulo, especialmente nas obras já referidas de Mounin e Enkvist e nos livros de Guiraud. Fica ao leitor a tentativa de encaixá-las nos grupos mencionados, bem como a seleção das que lhe parecerem mais satisfatórias.

“O estilo é o homem.” (Buffon)

“O estilo é o pensamento.” (Rémy de Gourmont)

“O estilo é a obra.” (R.A. de Sayce)

“Estilo é a expressão inevitável e orgânica de um modo individual de experiência.” (Middleton Murray)

“Estilo é o que é peculiar e diferencial numa fala.” (Dâmaso Alonso)

“Estilo é a qualidade do enunciado, resultante de uma escolha que faz, entre os elementos constitutivos de uma dada língua, aquele que a emprega em uma circunstância determinada.” (Marouzeau)

“O estilo é compreendido como uma ênfase (expressiva, afetiva, ou estética) acrescentada à informação veiculada pela estrutura lingüística sem alteração de sentido. O que quer dizer que a língua exprime e o estilo realça.” (Riffaterre)

“O estilo de um texto é o conjunto de probabilidades contextuais dos seus itens lingüísticos.” (Archibald Hill)

“Estilo é surpresa.” (Kibédi Varga)

“Estilo é expectativa frustrada.” (Jakobson)

“Estilo é o que está presente nas mensagens em que há elaboração da mensagem por si mesma.” (Idem)

“Estilo é o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve.” (Guiraud)

“Estilo é o conjunto objetivo de características formais oferecidas por um texto como resultado da adaptação do instrumento lingüístico às finalidades do ato específico em que foi produzido.” (Herculano de Carvalho)

“Estilo é a linguagem que transcende do plano intelectual para carrear a emoção e a vontade.” (Mattoso Câmara).

Como um fecho a esta série de definições, cada qual com sua relativa validade, e muitas delas com pontos comuns, sejam lembradas estas pertinentes ponderações de Georges Mounin:

“(O estilo) É um fenômeno humano de grande complexidade. É a resultante lingüística de uma conjugação de fatores múltiplos (...). Se algum dia se chegar a atribuir ao estilo uma fórmula, há-de-ser uma fórmula extremamente complexa. Todas as reduções lapidares da definição de estilo só podem ser e permanecer como empobrecimentos unilaterais. Não damos ainda por findas as nossas tentativas para compreender o porquê do efeito que certas obras têm sobre nós. Nesta encruzilhada onde talvez compreendamos por que é que certo poema nos envolve e nos possui e nos toca de determinada maneira, tem que haver uma convergência de causas lingüísticas formais, mas também de causas psicológicas, psicanalíticas, históricas, sociológicas, literárias, etc. E será indubitavelmente o conjunto que poderá dar conta dessa coisa ainda muito misteriosa que é a função poética: por que é que certas mensagens produzem em nós efeitos incomensuráveis com os de todas às outras espécies de mensagens que quotidianamente recebemos”.

CONCLUSÃO

Observamos, nesta aula, que a palavra “estilo” se referia a um objeto pontiagudo de ferro ou de osso utilizado pelos antigos gregos e romanos para escrever em tabuinhas encerradas. Por um processo semântico muito comum, o nome que antigamente designava o instrumento com que se escrevia (sentido material) passou a designar o próprio modo de expressão do pensamento (sentido translado, figurado ou metafórico. Entre outras muitas possibilidades, a palavra “estilo” pode ser tomada de dois modos mais comuns: a) subjetivamente – isto é, como reflexo da própria personalidade, marco do talento e da originalidade do pensamento. E aí entram na sua formação os mais diversos fatores como a cultura, a sensibilidade, o bom gosto, a intenção, enfim, tudo que constitui o ser espiritual de um dado autor. Daí. A célebre frase de Buffon: “O Estilo é o homem”; b) objetivamente – ou seja, em relação à matéria de que se utiliza o escritor, ao gênero literário por ele preferido e também às escolas, imitações, tradições, reações, variando de uma época para outra ou de um país para outro. É de interesse central da Estilística a escrita que se impõe como criação e revela o gênio e as virtudes de seu criador (escritor), deixando, pois, a sua personalidade indelevelmente assinalada no que produz.

RESUMO



A noção de estilo, por um lado, expressa a maneira especial que cada escritor possui para dar forma as suas idéias. Por outro lado, apresenta-se, também, como o resultado da seleção final realizada por um dado escritor em face das possibilidades expressivas que a língua lhe oferece.

Mattoso Câmara Júnior resume, adequadamente, a extensão do termo “estilo”, como a maneira típica por que nos exprimimos linguisticamente, individualizando-nos em função da nossa linguagem. Nesse processo, tem lugar uma “escolha entre as possibilidades de expressão que se apresentam na língua”. Tudo isso decorre, antes de tudo, do nosso impulso emotivo e do propósito claro ou subconsciente de suggestionar (motivar) o próximo. Portanto, o estudo de todas as virtualidades do estilo é essencialmente matéria da Estilística.

ATIVIDADES

Leiam, com muita atenção, o texto postado da profa. Nilce Sant'Anna e procurem refletir sobre a concepção de estilo imaginada Buffon: “O estilo é o homem”. O que queria dizer esse autor com tal definição? O que seria para ele o “homem”? Como resultado, que relação imaginou ter “estilo” e “homem”?

Agora, procurem fazer uma síntese do texto procedendo da seguinte maneira: indique, de modo sucinto e objetivo, as dificuldades que a noção de estilo apresenta desde sua elaboração inicial. Redija, pois, um pequeno texto sobre essa questão e apresente ao seu tutor e solicite dele uma apreciação.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Não esqueçam que vocês podem consultar outras obras indicadas na bibliografia sobre “estilo”, inclusive dicionários especializados como o de Massaud Moisés – “Dicionário de termos literários”. São Paulo. Ed. Cultrix. 1974.

PRÓXIMA AULA

Modalidades de figuras de estilo: exemplos e aplicações.



AUTO-AVALIAÇÃO

A partir desta aula, sinto-me capacitado para compreender o fenômeno “estilo”. Na sua dimensão e variedade. Para selar essa compreensão, pretendo discutir com o meu tutor as formas de expressividade e de criatividade que um escritor como Guimarães Rosa imprimiu em sua obra literária.



REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. A Estilística, in: **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina. 1969.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico Editora. 1977.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ed. Ática. 1987.
- _____. **A metalinguagem**. São Paulo: Ed. Ática. 1986.
- D'ONOFRIO. Salvadore. **Teoria do texto: teoria da lírica e do drama** – vol.2. São Paulo: Ed. Ática. 2001.

- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio. FGV. 1974.
- GUIRAUD, Pierre. **A Estilística**. São Paulo: Ed. Mestre Jou. 1970.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo. Ed. Cultrix. 1970.
- LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. Lisboa: Ed. Seara Nova. s/d.
- LEVIN, Samuel. **Estruturas lingüísticas da poesia**. São Paulo: Cultrix. 1975.
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio. Ed. Francisco Alves. 1983.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**. São Paulo: Edusp. 1989.
- MATTOSO CÂMARA Jr. Joaquim. **Contribuição à Estilística portuguesa**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1977.
- MOISÉS, MASSAUD. **Dicionário de termos literários**. São Paulo. Ed. Cultrix. 1974.
- MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ed. Ática. 1991.
- MOUNIN, Georges. **Introdução à Lingüística**. Lisboa: Iniciativas Editoriais. 1970.
- MURRY, J. MIDDLETON. **O problema do estilo**. Rio de Janeiro. Liv. Acadêmica. 1970.
- PROENÇA FILHO; Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ed. Ática. 1986.
- VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem**. São Paulo. Liv. Martins Fontes. 1981.